



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Teoria e Prática da Educação

Carla Mayumi Oikawa

**A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA MATERNA NOS LIVROS DE
LITERATURA INFANTIL**

**MARINGÁ
2011**

Carla Mayumi Oikawa

**A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA MATERNA NOS LIVROS DE
LITERATURA INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte das exigências para conclusão do Curso de Pedagogia, pelo Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Estadual de Maringá. Professora Orientadora Janira Siqueira Camargo.

**MARINGÁ
2011**

CARLA MAYUMI OIKAWA

**A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA MATERNA NOS LIVROS DE
LITERATURA INFANTIL**

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Me. Janira Siqueira Camargo

Prof^ª. Dra Solange France Raimundo Yaegashi

Prof^ª. Me. Celma Regina Borghi Rodriguero

**MARINGÁ
2011**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me proporcionado a vida e por ter me dado minha família: meu papai Ignácio, minha mamãe Paula e minha irmã Yukari, pela base, pelo amor, pelo conforto e por acreditarem em mim em todas as situações, motivando-me a persistir nos meus objetivos, mesmo em meio às circunstâncias adversas.

Ao amor da minha vida, Djeysonn, pelo incentivo, pelo amor e pela cumplicidade. Também à minha professora orientadora, Janira Siqueira Camargo, pelo companheirismo e colaboração intelectual, apoiando-me para prosseguir nos estudos além da graduação.

Aos professores que tive durante toda a minha vida acadêmica, desde a idade pré-escolar, todos da graduação, e em especial às professoras: Darlene Novacov Bogatschov, Fátima Maria Neves, Sandra Aparecida Pires Franco, Celma Rodriguero e Solange Yaegashi, por seus ensinamentos preciosos em suas linhas e especificidades, cada uma com um dom todo especial que Deus lhes proporcionou. Obrigada por terem me ensinado de maneira espetacular!

E, por fim, agradeço a todas as pessoas que fizeram e fazem parte da minha vida, pessoas que, de maneira profunda, grandiosa e gratificante, contribuem para que nós e nossas crianças tenham um mundo melhor e uma vida mais digna.

"A mulher não nasce pronta. Nem se torna mulher quando se casa, tem filhos, cuida do lar ou entra para um movimento de liberação feminina. Ela torna-se mulher quando vem a ser aquilo que Deus deseja que ela seja".

Meu Devocional Diário

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. LITERATURA INFANTIL	10
3. A MULHER E SUAS CARACTERÍSTICAS	14
4. METODOLOGIA	20
5. RESULTADOS E ANÁLISE	21
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
7. REFERÊNCIAS	35

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: ANDRADE, Telma Guimarães. Jeito de mãe	21
Figura 02: ANDRADE, Telma Guimarães. Jeito de mãe	22
Figura 03: ANDRADE, Telma Guimarães. Jeito de mãe	23
Figura 04: BABETTE, Cole. Minha mãe é um problema	23
Figura 05: BABETTE, Cole. Minha mãe é um problema	24
Figura 06: BABETTE, Cole. Minha mãe é um problema	25
Figura 07: RIOS, Rosana. O monstro	26
Figura 08: WOOD, Audrey. A bruxa Salomé	27
Figura 09: MACHADO, Ana Maria. Quem me dera	28
Figura 10: PERLMANN, Alina. Josés, Marias e manias	29
Figura 11: PERLMANN, Alina. Josés, Marias e manias	30
Figura 12: HARRISON, Joanna. Quando mamãe virou um monstro	30
Figura 13: HARRISON, Joanna. Quando mamãe virou um monstro	31
Figura 14: HARRISON, Joanna. Quando mamãe virou um monstro	32
Figura 15: HARRISON, Joanna. Quando mamãe virou um monstro	32

OIKAWA, Carla Mayumi. **A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA MATERNA NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL**. Universidade Estadual de Maringá. Maringá-Paraná, 2011

RESUMO: O objetivo desta pesquisa foi analisar a representação da figura materna nos livros de literatura infantil. Para tanto, foram analisados os livros: *O monstro*, de Rosana Rios; *Josés, Marias e manias*, de Aline Perlman; *Ana levada da breca*, de Maria de Lourdes Krieger; *O planeta perfeito*, de Luiz Galdino; *Minha mãe é um problema*, de Babette Cole; *Quem me dera*, de Ana Maria Machado; *Jeito de Mãe*, de Telma Guimarães Castro Andrade; *Quando mamãe virou um monstro*, de Joanna Harrison e, por último, *A Bruxa Salomé*, de Audrey Wood.

A metodologia utilizada foi a verificação dos livros de literatura infantil, buscando analisar as situações que descreviam as atividades das mães. Esta investigação permitiu dizer que, nas obras verificadas, a figura materna aparece exclusivamente cumprindo tarefas domésticas (limpeza da casa, lavagem da roupa, preparação da comida) e cuidando dos filhos. Concluiu-se a pesquisa com resultados satisfatórios e sem nenhuma dificuldade na interpretação das obras literárias.

Palavras-chave: Literatura infantil; representação; figura materna.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho investigamos a representação da figura materna nos livros de literatura infantil, com o objetivo de verificar o papel e a função da mulher na literatura infantil.

Primeiramente, realizamos um levantamento bibliográfico para o conhecimento do contexto histórico da literatura infantil. Após esse estudo, selecionamos nove obras, as quais retratam a figura materna e o papel por ela desempenhado.

Com o desejo de buscar diversas alternativas para uma educação de qualidade e diferenciada das crianças, resolvemos analisar em alguns livros da literatura infantil, especialmente em contos infantis, a representação da figura materna.

Sabemos que os livros têm importante função na educação das crianças, ajudando-as a construir conhecimentos acerca do mundo que as rodeia, incluindo-se nesses conhecimentos construídos o conceito de mãe.

Desta forma, buscamos revelar por meio de histórias dos livros de literatura infantil as principais características que os contos apresentam, tanto na construção do estereótipo de gênero quanto no papel da figura materna. Para tanto, a função do professor enquanto pedagogo é a de desenvolver uma criticidade frente ao mundo machista e estimular o gosto pela leitura.

Analisamos as seguintes obras: *O monstro*, de Rosana Rios; *Josés, Marias e manias*, de Aline Perlman; *Ana levada da breca*, de Maria de Lourdes Krieger; *O planeta perfeito*, de Luiz Galdino; *Minha mãe é um problema*, de Babette Cole; *Quem me dera*, de Ana Maria Machado; *Jeito de Mãe*, de Telma Guimarães Castro Andrade; *Quando mamãe virou um monstro*, de Joanna Harrison e, por último, *A Bruxa Salomé*, de Audrey Wood.

2. LITERATURA INFANTIL

Como parte do arcabouço teórico que constitui esta pesquisa, adotamos os estudos de Lucia Pimentel Goes, em seu livro *Introdução à literatura infantil e juvenil*, importantes para a fundamentação teórica do contexto histórico da literatura infantil. Também utilizamos mais dois livros para a fundamentação histórica e explanação dos conceitos da literatura, dos autores Nelly Novaes Coelho e Leonardo Arroyo, respectivamente com os livros *Literatura Infantil - Teoria, Análise e Didática* e *Literatura Infantil Brasileira*.

Conforme Goes (1991), as narrativas primordiais tiveram início na Antiguidade, cujos ideais eram de moralização para os adultos, já que o conceito de infância não existia até meados do século XII, isto é, a criança era vista como um projeto de adulto ou como um mini adulto. Assim, as primeiras fábulas eram representadas em obras oriundas da Índia e da Arábia, com repercussão apenas a partir do século XVI no Ocidente.

Goes (1991) destacou que, durante a Idade Média, as novelas de cavalaria tinham o ideal religioso cristão prevalecido em batalhas, na defesa de um amor, do rei e da Igreja. Com o Renascimento a partir do século XV e XVI, mais precisamente no ano de 1697, o escritor francês chamado Charles Perrault inovou o gênero literário para a poesia, comunicando-se com o verso a partir das histórias como Chapeuzinho Vermelho, a Bela Adormecida, O Pequeno Polegar e a Pele do asno. Essas obras foram criticadas, pois acentuavam as mazelas sociais e, de forma mágica, as crianças encaravam as situações como contos de fadas.

Goes (1991) também apresentou uma autora dos anos de 1696 e 1698 conhecida como Madame d'Aulnoy, a qual publicou vários livros conhecidos como os “contos de fadas”, cuja expressão foi direcionada já para o alvo infantil. A partir de Jean Jacques Rousseau, no século XVIII, as obras valorizavam a capacidade da criança e a educação natural a elas ofertadas por um preceptor.

Nos estudos posteriores, Goes (1991) apresentou o século XIX, a partir das histórias dos Irmãos Grimm para a família e para as crianças, cujas narrativas tinham um cunho popular e com influência das mitologias nórdicas, e outros autores. Nesse sentido,

O ideal da literatura infantil é fazer com que as crianças unam o entretenimento e a instrução (...). Portanto, a literatura vem educar a sensibilidade, reunindo a beleza das palavras e das imagens. A criança pode desenvolver as suas capacidades de emoção, admiração, compreensão do ser humano e do mundo, entendimento dos problemas alheios e dos seus próprios; enriquecendo

principalmente, as suas experiências escolares, cidadãs e pessoais” (COSTA, 2003, p.49).

Portanto, o principal assunto deste trabalho é a representação da figura materna nos livros de literatura infantil. Para desenvolvê-lo, optamos por analisar autores e contos que contemplam um estereótipo da figura feminina e do papel que a mulher representa; no caso, o de ser mãe. Para tanto, partimos da descrição do panorama histórico da literatura infantil desde o século XVIII até a década de 1990.

Com a necessidade do homem em transmitir ideias e acontecimentos, a literatura foi um instrumento importante para a comunicação e construção de conhecimentos. É por meio da literatura que o leitor se identifica com o mundo que o rodeia e a sua imaginação estabelece uma relação intrínseca com o livro, considerando a história como o agente do processo de socialização, bem como na colaboração da instrução, diversão e na educação das capacidades intelectuais e cognitivas da criança.

A literatura infantil teve origem no século XVIII, cuja ideologia burguesa estava em ascensão; considerava-se importante que o conceito de literatura fosse intimamente direcionado à manifestação artística do homem, quanto à linguagem e a letra impressa. Portanto, a mensagem literária vinculada direcionava-se especialmente ao público infantil e às exigências que correspondiam a esse público.

A função primordial do livro infantil é a leitura reflexiva, bem como criar o hábito de leitura, além de educar, instruir e distrair. Para tanto, a arte literária deve envolver prazer, formação e sensibilidade. Os elementos indispensáveis dos livros infantis são: assunto (conteúdo) e a adaptação à idade de cada criança. Nesse sentido, o conteúdo deve necessariamente atender aos interesses do mundo infantil, seu contexto cultural, seu desenvolvimento psicológico e intelectual. Logo, esses são requisitos indispensáveis que contribuem para a construção da personalidade da criança (GOES, 1991).

Conforme Arroyo (1968), a literatura apresenta uma cronologia e sua principal manifestação no campo educacional é analisada a partir da antiguidade, com as lendas e mitos, os quais eram transmitidos de geração à geração por meio da oralidade. Já as fábulas são oriundas do Oriente, bem como as histórias de Calima e Dimma e *As mil e uma noites*. Na Grécia, o poeta mais conhecido era Homero, com a história da viagem de Ulisses em *Íliada* e *Odisséia*.

Arroyo (1968) destacou que a invenção da imprensa por Gutemberg proporcionou a primeira edição da Bíblia em 1456. Já no século XVI, Giulio Cesare della Croce trouxe

para a literatura o humorismo do personagem Bertoldo. Outro autor conhecido, Caravaggio publicou, em 1554, diversos contos folclóricos, todos voltados para o público infantil. Dentre eles, o famoso *Gato de Botas*; Giambatista Basile e a literatura universal: *Gata Borracheira*, a *Bela Adormecida* e a *Branca de Neve*. Todos esses escritores foram apresentados por Leonardo Arroyo em seu livro.

Também foram apresentados por Arroyo (1968) outros autores do século XVIII, como La Fontaine e Charles Perrault, retomando a tradição dos contos de *Esopo*, *Fedro* e *Ma Mère l' Oye* por meio da transmissão oral; e também pensadores clássicos, como Comênio, em 1658, com a publicação do primeiro livro didático e ilustrado para as crianças; os textos de Fenelon e Madame d' Aulnoy; entre outros autores, como Daniel Defoe e Jonathan Swift em *As viagens de Gulliver* e os contos da Condessa de Murat.

Arroyo (1968) enfatizou, também, o século XVIII, a era do pré-romantismo, isto é, o século do Iluminismo e do Racionalismo, cujos pensadores importantes foram: Jean Jacques Rousseau, Voltaire e Montesquieu. Com Rousseau, ocorreu a revolução no ensino, a partir do livro *Emílio* ou *da Educação*. Esse livreto é um manual prático para a educação, cujos ideais eram recreativos e pedagógicos. Esse pensador deu origem ao Naturalismo, tendo a natureza da criança e a experiência como fundamentação para a sua prática educativa. Além disso, a concepção de família e de sociedade eram desenvolvidas a partir da disciplina educativa do corpo e da inteligência.

Em consonância com Rousseau, citamos os autores Madame Leprince de Beamont, Madame de Gentlis e Rodolfo E. Raspe. Arroyo (1968) apresentou a primeira pensadora com a exposição da obra que foi composta por repletas lições de história e geografia “disfarçadas em contos”. Já a segunda pensadora foi preceptora dos filhos do duque de Orleans, sua educação tinha a intenção de despertar a virtude e a afeição para os estudos e a ciência.

A doutrina de Rousseau constituiu uma base de desenvolvimento educacional contemplado no século XIX com Basedow, um pensador alemão que foi influenciado pelo livro *Emílio*. Nesse século, predominava o romantismo e o realismo, período em que realmente a literatura infantil consolidou-se para as crianças, e cuja preocupação com a criança na sociedade esteve presente em muitos autores dessa época, bem como os procedimentos que devem ser tomados na área pedagógica e na literária, e os valores humanísticos na realização humana. Autores importantes desse período são: Walter Scott,

Alexandre Dumas, Júlio Verne, Mayne Reid, Robert Louis Stevenson, Eugene Sue, Emilio Salgari, Jack London e Rudyard Kipling. (ARROYO, 1968)

Dentre os autores clássicos, Goes (1991) ainda apresenta os mais conhecidos na literatura universal e para o público infantil, são estes:

- Hans Christian Andersen: romântico, um poeta das fadas, reconhecido como o maior criador da literatura infantil. Escreveu obras conhecidas como *A roupa nova do Imperador*, *O pequeno polegar*, *O rouxinol*, *O soldadinho de chumbo*, entre outros contos.

- Carlo Lorenzini Collodi: a partir do conto *Aventuras de Pinocchio*, além dos escritos relacionados à Bíblia, o sentimento de paternidade e a fusão do paganismo e o bíblico.

- Lewis Carrol: seu nome verídico, Charles Lutwidge Dodgson; sua obra clássica mais conhecida, *Alice no país das maravilhas*, 1862. Nesse livro, Carrol retratou o problema da relatividade das coisas, em relação ao aumento e à diminuição do tamanho e a altura, visto que a criança tem a angústia de seu crescimento. A ênfase foi dada para as crianças, a fim de que elas aproveitassem o período de infância como momento de diversão e separação do mundo dos adultos.

Goes (1991, p.97) também destacou, nessa época, as histórias dos Irmãos Grimm: Jacob e Wilhem Grimm, os quais escreveram memórias de cunho popular e de folclorismo, todos voltados para o público infantil, dentre os contos: *Músicos de Bremen*, *Os sete anões e a Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O lobo e os sete cabritinhos*, *Joãozinho e Maria* e vários outros. A maioria dos contos de Grimm são encantantes, há metamorfoses ou transformações, com elementos mágicos, fábulas e lendas. As obras dos Grimm trouxeram para o povo alemão um sentimento democrático ao mundo moderno.

No final do século XIX e início do XX, surgiu uma nova ideologia e mentalidade sobre os ideais e caráter da criança. Com base nessa nova linha de pensamento, temos alguns autores da época: Eleanor H. Porter, Edgar Rice Burroughs, James Barrie, Paul Faucher, Janusz Korczak, Hector Malot e Ferenc Molnar. (GOES, 1991, pp.98-99)

3. A MULHER E SUAS CARACTERÍSTICAS

Desde a civilização primitiva, mais conhecida como a Pré-história, o meio de sobrevivência e de se obter o sustento da casa, a fim de garantir a manutenção da família, estava sob a responsabilidade da mulher, bem como o cuidado do lar era função atribuída à figura materna, visto que: “As guardiãs da cria precisavam estar alertas para pequenas mudanças no comportamento de sua prole, que poderiam indicar fome, dor, doença, agressividade ou tristeza” (PEASE; PEASE, 2000, p.27). Enquanto que, para o homem, cumpria-se a função de caçador.

No Brasil, Duarte (2003) apresenta reflexões sobre o feminismo e a literatura a partir de investigações acerca do histórico da mulher brasileira. É necessário identificar que o conceito feminista só teve início a partir do século XIX, mais precisamente a partir de 1827, tendo na legislação a abertura das escolas públicas para as mulheres, com algumas escolas voltadas para o convento, que “guardavam” as meninas para o casamento. Existiam também escolas privadas e casas para professoras, com ensino individualizado e voltado para as prendas domésticas.

A escolarização para as meninas esteve voltada para a educação doméstica: “com o tempo, as meninas ricas não só aprendiam a fazer bolos e doces, a costurar e a bordar, mas também estudar francês e piano, de modo que proporcionassem companhia mais agradável e atraente em ocasiões especiais.” (HAHNER, 1981, p.32)

Rosemberg (1975), em seu artigo *A mulher na literatura infanto-juvenil: perspectivas e revisão*, analisa o papel da mulher, mostrando uma certa preocupação com os estereótipos sexuais. Um dos principais resultados de seu estudo evidencia o fato de que, na literatura, as mulheres são geralmente representadas como dedicadas exclusivamente ao lar e às atividades domésticas. Já os personagens masculinos, às atividades profissionais.

Para a autora Susana Pravaz, a mulher doméstica é uma “mãe deste estilo de mulher, é uma figura onipotente e onipresente, sendo ela que organiza as relações sociais e econômicas da casa, dos filhos e até do marido”. Já o patriarca ou “o pai está fora do lar, cuidando dos aspectos econômicos honoráveis da família”. (PRAVAZ, 1981, p.76)

Em outro momento, mostra que a mulher não tinha alternativa, a não ser “simplesmente laboriosas, saber cozinhar, ser ordenadas, limpas, trabalhadoras de sua casa” (LIMENHA apud PRAVAZ,1981, p.77) . A autora enfatizou, também, que o

trabalho e o sustento do lar tem, na função de companheira e cônjuge, proteger a casa e ter o privilégio da maternidade. (PRAVAZ, 1981,p.109)

Além disso, Duarte (2003) afirmou que “toda a família necessita de um chefe, e o chefe natural da família é o homem”. Apesar de algumas mulheres terem adquirido a emancipação familiar por meio da graduação, as primeiras mulheres médicas do Brasil apresentavam certa competição com o marido e a luta por uma igualdade de posição no casamento, isto é, o modo de fazer dinheiro como argumento para sua individualidade e a emancipação feminina. Outra escritora que Duarte citou era chamada Dona Josefina, a qual afirmava que as mulheres ainda deveriam se dedicar exclusivamente à maternidade, do mesmo modo que o homem assume seus deveres com a família, bem como seus deveres de cidadão.

Em fins da segunda metade do século XX, foi aceito no Brasil um movimento em favor dos direitos da mulher: o voto. Para tanto, com o fim da Segunda Guerra Mundial, o período era de ascensão da classe média e de contribuição para o crescimento urbano, da industrialização, o aumento das possibilidades educacionais e profissionais para homens e mulheres. As principais ideias acerca da política eram voltadas para a democracia e a participação do povo, ampliando as possibilidades de acesso à informação, lazer e consumo. As condições de vida aumentaram e ocorreram mudanças, também, nas práticas sociais de namoro, voltado à intimidade pública entre as pessoas.

As distinções entre os papéis femininos e masculinos ainda eram bem nítidas, a moral sexual permanecia forte e o trabalho da mulher era cercado de preconceitos, sendo visto como subsidiário ao trabalho do homem, o qual era considerado como o “chefe da casa”. O Brasil, nessa época, acompanhou as tendências internacionais: a modernização e a emancipação da mulher, tanto por meio da participação delas na guerra para o desenvolvimento econômico quanto por sua influência nas campanhas estrangeiras a favor da volta da mulher ao lar e dos valores tradicionais da sociedade.

O modelo de família naquela época, no Brasil, ainda tinha o homem como autoridade e poder sobre a mulher, sendo ele também responsável pelo sustento da casa, da esposa e dos filhos. Desta forma, “a mulher ideal era definida a partir de papéis femininos tradicionais, ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido - e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza e resignação” (BASSANEZI, 2007. pp.608-609)

As revistas feministas dos anos de 1950 tratavam sobre as diferenças sexuais da sociedade, a partir de temas como a vida doméstica, o jornal das moças, seções para mulher (vinham com imagens femininas e masculinas), o ideal desejado de família: branca, classe média, hierárquica, com papéis definidos, entre outros.

Em *Jornal das Senhoras*, o casamento serviria apenas para a satisfação da maioria dos homens, dando-lhes o prazer e o assegurado desejo de fortuna das mulheres. O homem poderia dizer: “minha mulher” com a mesma entonação à que se refere a algum animal ou objeto, denotada como “trastes de uso”. Logo, as mulheres eram indignas de sua atenção.

Essas imagens transmitiam uma “aparência social” sobre a moral e os bons costumes, os quais promoviam os valores de classe, raça e gênero que predominam na época. A ideologia presente nos anos dourados era representada a partir de um modelo de “maternidade, casamento e dedicação ao lar”, pois faziam parte da “essência feminina”, logo: “Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres” (BASSANEZI, 2007, p.609).

A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade.

No decorrer das décadas seguintes, cresceu progressivamente a questão da participação feminina no mercado de trabalho, especialmente no setor de serviços, consumo, escritório, comércio. Surgiram oportunidades de emprego como enfermeira, professora, médica, assistente social e outras. Essas profissões exigiam das mulheres certa qualificação, remuneração e demanda por maior escolarização; como consequência, mudança no status social.

Os preconceitos com relação ao trabalho feminino eram evidentes, já que ainda o serviço prioritário das mulheres estava voltado exclusivamente ao lar, à função de ser mãe. Entretanto, esses argumentos contribuem necessariamente para “ameaçar” a estabilidade no casamento e na organização doméstica, e a mulher deixaria para o segundo plano as questões ligadas aos afazeres domésticos e aos cuidados voltados à família.

Uma revista publicada em novembro de 1954, denominada de *Querida*, ressalta que “o lugar da mulher é o lar e ao de ser mãe”. Em outro momento, mostrou e destacou o matrimônio modelo, cujo padrão de casamento seria aquele que atribui definições de direitos distintos para homens e mulheres; ou seja, as tarefas domésticas eram femininas: “lavar, cozinhar, passar, cuidar dos filhos e limpar a casa eram considerados deveres

exclusivamente femininos.” (Revista *Querida*, novembro de 1954). Para tanto, as mulheres nesse período não tinham o direito de questionar a divisão tradicional dos papéis, pois assim comprometeria o equilíbrio conjugal.

A sociedade hierárquica, de fato, pressupunha a ideia de que o marido era o “detentor de poder e ele era o chefe”, sua esposa e filhos tinham a última palavra; porém, o casal conversava e trocava ideias. No entanto, a direção da família pertencia ao homem. A esposa perfeita deveria ser representada pela “luz de seu olhar, o caminho do amor e da felicidade àqueles que a rodeavam” (BASSANEZI, 2007, p.627); o centro de interesse era voltado para o marido e os filhos, sendo essencial para as prendas domésticas. Cozinhar bem era um requisito indispensável para garantir a conquista do futuro esposo e sua posterior manutenção do casamento, em outras palavras: “a mulher conquista o homem pelo coração, mas poderá conservá-lo pelo estômago” (JORNAL DAS MOÇAS, dois de Outubro de 1958).

Bassanezi (2007) destaca que a habilidade feminina não se restringe às atividades da casa; a reputação da esposa deve ser a de uma mulher ideal: fazer um homem feliz (cuidar da aparência, ser econômica, companheira, aquela que adivinha os pensamentos do cônjuge e ama sem medir sacrifícios, a fim de visar a alegria do amado); receber o marido com atenção, mantendo o bom humor e a integridade da família. Não existia a comunicação entre a mulher e o seu esposo, ela era um amparo, um estímulo para seu marido e seus projetos (JORNAL DAS MOÇAS, 13 de Novembro, 1958).

Por volta dos anos de 1870, houve crescente publicação de revistas e jornais voltados ao público feminista, editados na cidade do Rio de Janeiro, tendo em seu cunho o estilo jornalístico, não tanto o literário. A escritora Francisca Senhorinha de Mota Diniz iniciou seu trabalho com a publicação de *O sexo feminino*, cujos escritos foram voltados à “educação, instrução e emancipação” da mulher. Mais adiante, o nome do jornal passou a ser *O quinze de novembro do sexo masculino*, defendendo o direito das mulheres ao estudo secundário e ao trabalho. (DUARTE, 2003, p.157).

Conforme Duarte (2003, p.158), a literatura, o teatro e a imprensa masculina estavam se manifestando para ridicularizar as doutoras e insistindo que o casamento delas era impossível de manter, bem como o cuidado de seus filhos e o exercício de suas profissões. Entretanto, houve resistência quanto à profissionalização das mulheres de classe alta e média; esperava-se que elas continuassem a se dedicar integralmente ao lar e a

família, e “apenas as moças pobres estavam liberadas para trabalhar nas fábricas na prestação de serviços domésticos.”

A partir dos anos de 1918, a autora Gilka Machado publicou um livro de poemas eróticos denominado de *Meu Glorioso Pecado*, sendo considerado como afronta à sociedade pela questão da moral sexual patriarcal e cristã, o qual contribuiu positivamente na emancipação da sexualidade feminina. Outra autora, Mariana Coelho, publicou a obra *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história em 1933*, a qual representou uma grande contribuição para a história intelectual da mulher brasileira. Por último, a escritora Rachel de Queiroz teve sua repercussão de cunho jornalístico, cuja defesa voltou-se exclusivamente para o processo da emancipação feminina na sociedade em pleno século XX. Uma das observações feitas por Constância Lima Duarte sobre a obra de Queiroz, na qual tratou sobre a seca nordestina e o pensamento emancipatório da mulher, coloca em destaque a importância que a autora atribui à escolha de um casamento e sua posterior decisão do “pensar por e sobre si”, ao invés de simplesmente a imposição de um casamento tradicional.

Nos anos de 1970, no Brasil, mais precisamente o ano de 1975, declarado o ano internacional da mulher, sendo esse estendido até os anos de 1985. Para tanto, houve as reivindicações acerca das políticas e na melhoria das condições de trabalho. A data 8 de março de 1975 foi declarada como o Dia Internacional da Mulher, por iniciativa da ONU, sendo comemorada em diversas regiões do país e de maneira organizada. Apesar da censura imposta pela Ditadura Militar, ocorreram muitos debates sobre a sexualidade, o direito ao prazer e também sobre o aborto. Essa especificidade foi tema gerador para o planejamento familiar e no controle da natalidade como foco de estudo das Políticas Públicas, além da inserção da pílula anticoncepcional como meio permissivo de igualdade entre homens e mulheres no quesito da desvinculação do sexo e da maternidade.

No mesmo ano, fundou-se no Brasil o jornal *Brasil Mulher*, criado pelo movimento feminista ligado à anistia; o ano seguinte, com a publicação do periódico *Nós mulheres*, cunho feminista, ocorreu o enfrentamento de assuntos, como: anistia, mortalidade da mãe, aborto, política, jornada de trabalho dupla, prostituição, mulher na literatura, cinema e teatro.

Na década de 1980, Duarte (2003) ainda destacou a formação de grupos feministas que se mostravam divergentes das opiniões públicas nos partidos, como meio de garantir avanços na Constituição Federal a partir da “(...) igualdade de todos os brasileiros perante a

lei, sem distinção de qualquer natureza”. (BRASIL, 1988). Suscitaram ideais no campo literário, frente à oposição ditatorial: Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Sonia Coutinho, Hilda Hilst, Helena Parente Cunha, Marina Colassanti, Lya Luft, entre outras.

A última década a ser analisada é a de 1990, visto que, nesse período, a grande revolução sexual estava em seu auge, sendo assimilada à vida rotineira das pessoas em plena era da globalização, bem como os movimentos feministas e os estudos culturais. Esses estudos tiveram suas lutas atendidas e contribuíram para a construção gradativa de uma sociedade igualitária, apesar de ainda prevalecerem as diferenças no salário e restrição de cargos para as mulheres no ambiente de trabalho, além da violência contra as mulheres, por meio de atos covardes e abuso da força física e psicológica imposta por homens.

4. METODOLOGIA

Para a análise das representações da figura materna na literatura infantil, delimitamos o tema a partir de uma precariedade da análise do papel materno nos contos para o público infantil, bem como apresentamos a importância social e cultural imposta pela sociedade capitalista.

Como critérios utilizados para a seleção dos livros, selecionamos os que contêm a figura feminina e materna, a qual estaria desenvolvendo atividades domésticas e, também, exercendo o papel de educadora dos filhos.

Para tanto, é interessante destacar o aspecto psicológico das protagonistas, pois elas sempre apresentam-se de mau humor e estressadas com os afazeres domésticos, cobrando dos filhos o cuidado e a organização dos mesmos para a manutenção do lar.

5. ANÁLISE DA FIGURA MATERNA NA LITERATURA INFANTIL

O primeiro livro escrito por Andrade (1992), *Jeito de mãe*, apresenta um enredo peculiar e narrativa em primeira pessoa, ou seja, a história é contada pela filha, a qual relata sobre a mãe e a “mania de limpeza” que a progenitora possui. A narradora iniciou a história contando da mãe, sobre a “mania de limpeza” e que “de vez em quando, dá uma sapituca nela”, tirando as coisas do lugar para a tal “arrumação”.

A mãe, ao arrumar a casa, enfatiza que deseja a organização do lar, para tanto, exige que a filha não bagunce; e, em destaque, é mostrado por meio da ilustração o dedo materno indicador subentendendo-se que não aceitará desordem. No texto, a mãe afirma: “Ficou tudo arrumadinho, vê não desarruma, hein?”. Apesar de a mãe ser tão exigente na organização domiciliar, em outro momento, ela apresenta ser uma mãe que gosta de inovar, comprar coisas novas para animar o quarto da menina. A compra da colcha e da cortina nova cor de rosa traz sensações especiais e comunica-nos a impressão de que ela tem amor e carinho, tanto na suavidade quanto na sensibilidade que a cor nos transmite.



Figura nº.1: ANDRADE, T.G.C. *Jeito de mãe*. Ed. Paulinas, 1992. Pág. 2.

Em outra página, a filha sai gritando com a mãe por ter jogado fora os brinquedos no lixo, e a mãe retrucou dizendo que o quarto estava “entupido de trecos”, e por isso jogou no lixo os objetos que não estavam sendo utilizados pela menina. Para relacionar a utilidade ou não dos objetos, a garota faz lembrança dos papéis de bala guardados pela mãe desde a época em que namorava o papai. De tanto chorar, a menina acaba dormindo e não

faz a tarefa escolar. Assim que o pai chega em casa, a mãe conta ao marido do bilhete escrito pela professora. Nesse momento, pode-se ver que a representação paterna é mostrada na história com uma expressão de abatido e cansado, com roupas típicas de um empresário: camisa e gravata. No entanto, sempre ausente. Enquanto a mãe, uma mulher sempre ativa, mostrou no livro seus braços envolvendo o marido e a criança, denotando uma pessoa de aconchego, conforto e focada nos assuntos da educação e que não abre mão de estar sempre por perto de sua família.

A mãe na história escrita por Andrade (1992) representa uma mulher que desempenha vários papéis, além de trabalhar fora de casa, trabalha também em casa e ainda tem tempo para a educação e disciplina da filha. Quando a filha quebra um vaso da sala, a mãe repreende a menina com um “tapa no bumbum” e a garota enfatiza: “Mamãe ficou ‘atacada’”. Na página que apresenta esse acontecimento, há um desenho que mostra enfaticamente o “barulho” do “tapa”, como se pudesse escutar a repreensão. Apesar de corrigir a filha, vai até o quarto, dá-lhe um abraço e um beijo, dizendo que amava a menina, cobriu-a e depois ajeitou o travesseiro, antes de retirar-se do quarto. Já o pai, aparece apenas dando um selinho no rosto da garota após a chegada do trabalho.



Figura nº.2: ANDRADE, Telma Guimarães. Jeito de Mãe. Ed. Paulinas, 1992. Pág. 15.

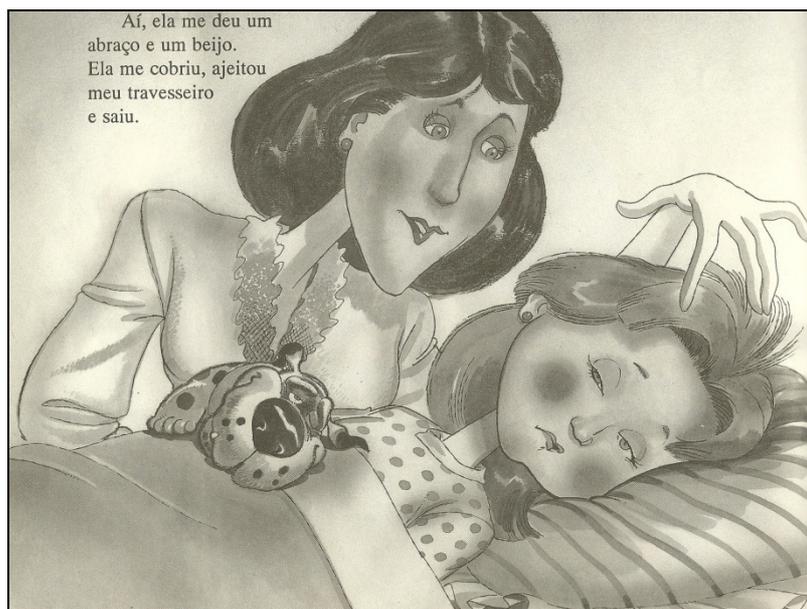


Figura nº.3: ANDRADE, T.G.C. Jeito de mãe. Ed. Paulinas, 1992. Pág. 17.

O livro mostra uma mãe que gosta de tudo muito arrumado, limpo e cheiroso, além de estar presente em todas as situações, da organização do lar à disciplina da filha.

No segundo texto, *Minha Mãe é um problema*, a autora Babette Cole apresenta a história de uma mãe com características engraçadas. A figura materna, neste livreto, é uma mulher representada por uma bruxa. Entretanto, é vaidosa, usa maquiagem, cabelos arrumados, brincos, usa sapatos de salto fino, bolsa e um chapéu com estilo; com flores, cerejas e o lenço é substituído por uma serpente. A mulher é mostrada em uma das páginas com um espelho em uma mão e, na outra, passando batom.



Figura nº.4: BABETTE, Cole. Minha mãe é um problema. Ed. Companhia das Letrinhas, 1992. Pág. 4.

A personagem materna é uma mulher presente: leva o filho para a escola de vassoura, prepara doces para o encontro com os diretores da escola, vai às reuniões escolares e, ainda, respondia com avidez quando perguntavam onde estava o pai da criança: “Mamãe dizia que ele estava de castigo, até aprender a parar de ir ao bar” (COLE,1992,p.9), ou seja, a mãe cumpria as tarefas que lhe cabem como mãe e também respondia de forma responsável as atividades atribuídas ao pai.

O menino (filho da bruxa-mãe) convidou os colegas de sala para fazer-lhe uma visita e depois brincar com ele; porém seus pais os proibiram de irem, já que achavam que “aquela” mãe era “diferente”, por ser uma bruxa. Apesar dessa tal diferença, o menino afirma: “Mamãe se comportou muito bem” (COLE, 1992, p.19). Nessa página, há uma ilustração das crianças no quintal da casa brincando e da mãe, de avental e uma bandeja na mão contendo vários doces, salgados e sucos a serem servidos para toda a criançada.

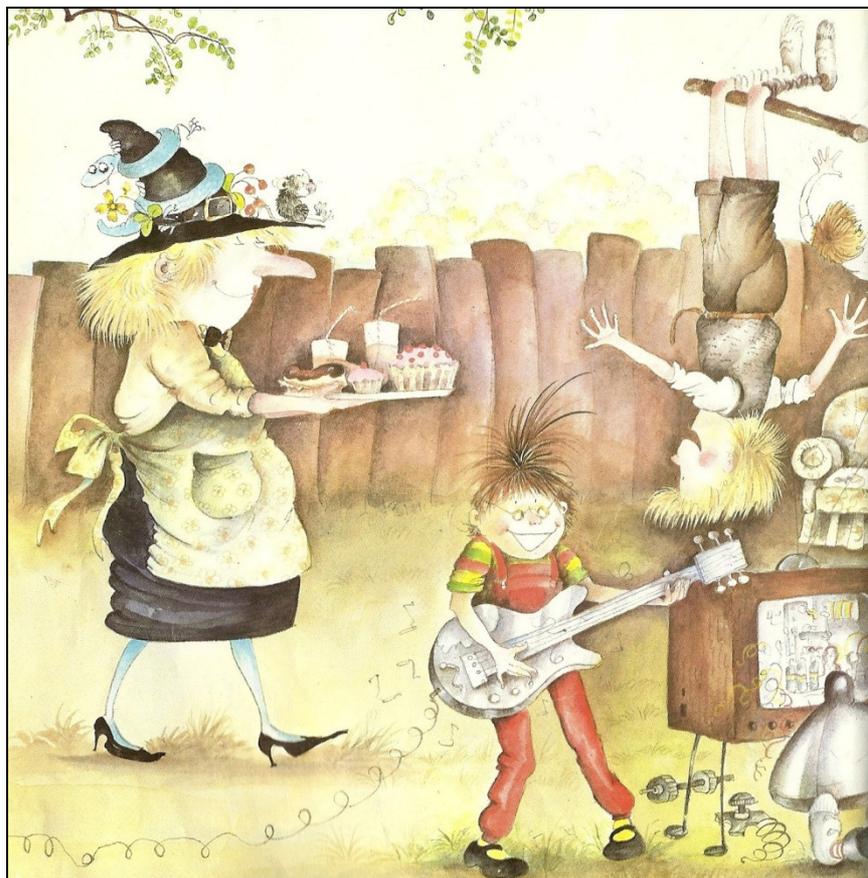


Figura nº.5: BABETTE, Cole. Minha mãe é um problema. Ed. Companhia das Letrinhas, 1992. Pág. 19.

Apesar de a mãe do garoto ser representada como uma bruxa, ela ultrapassa os ideais de maldade, porque se preocupa com os mimos e lanches para agradar a garotada com comidas gostosas.

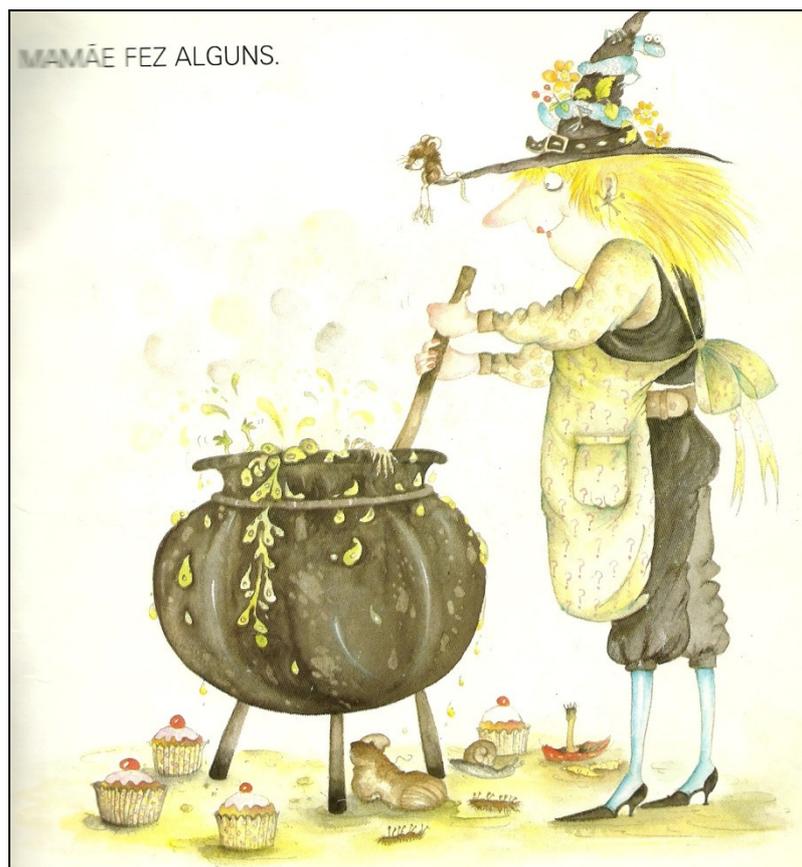


Figura nº.6: BABETTE, Cole. Minha mãe é um problema. Ed. Companhia das Letrinhas, 1992. Pág. 12.

Em outro momento, mostrou os pais das crianças tirando a satisfação com a mãe-bruxa, os quais não permitiram que seus filhos brincassem na casa do menino. Na página seguinte, há um incêndio na escola e a bruxa-mãe apareceu com uma corda puxando várias nuvens carregadas de água para apagar o fogo. E para o orgulho do filho, “Mamãe chegou primeiro que os bombeiros!” e acabou com a fumaça antes que todos os outros pais chegassem. Denota-se que a figura de mãe continua enfatizando o papel de proteção e cuidado ao filho e as pessoas que estão à sua volta.

Os pais das crianças da escola não pararam de agradecer o cuidado da mãe-bruxa para com os filhos e, a partir de então, todos da escola passaram a ir frequentemente na casa do garoto em agradecimento à bruxa.

Em outro livro, *O monstro*, de Rosana Rios, a mãe é apresentada como uma mulher loura, de cabelos curtos, olhos claros, usa batom claro, de avental, com luva de cozinhar e a mão no fogo, preparando o jantar. No diálogo com o filho, não há uma preocupação de relação afetiva entre eles, pois quando o garoto estava na sala e vai até a cozinha pedir socorro à mãe, ela diz estar ocupada. Rios (1993, p.4) enfatiza a atividade da mãe por meio da narração, como uma mulher atarefada e sempre ocupada: “A mãe mexia e remexia

numa panela” e “Já disse que agora não posso fazer nada. Fale com o seu pai”. Atendendo ao pedido da mãe, o garoto teve que esperar o pai chegar em casa, e quando este aparece em cena, é apresentado com os pés esticados no *puff* em frente da cadeira de descanso, com um ar de fatigado, cabelos despenteados e a camisa desabotoada e com o paletó todo desajeitado, dando a impressão de que o dia foi cansativo. Além disso, mostra os sapatos jogados na sala e a pasta do trabalho em cima do balcão. O garoto pede o auxílio do pai e este o corrige na maneira de falar, tanto na pronúncia como na coesão. Logo, não deu a atenção que o filho precisava.



Figura nº.7: RIOS, Rosana: O monstro. Coleção Imaginário. Ilustrações de Margareth A.S.Itai. Pág. 4.

No livro, *O planeta perfeito*, de Luiz Galdino, e *Ana levada a Breca*, de Krieger (2002), a figura materna é apresentada de forma muito superficial, tanto é que, no primeiro livro, a mãe é mostrada no primeiro capítulo em um desabafo com o pai: “Dorinha anda impossível!, Ela está com problemas, será que não percebe?”. Ao ler esse livro, é perceptível que a garotinha chamada Ana tinha dificuldades para enxergar e, por querer chamar a atenção, fazia bagunças. A mãe considerava o jeito desengonçado da filha assimilado ao seu mau comportamento. Já no segundo livro é apresentada uma menina alegre e de bem com a vida; no entanto, sua mãe reclamava de tudo que a menina fazia: do toque da campainha, do canto, da dança, do riso, da corrida, e sempre dizia: “Ana, você já está crescendo!”.

A mãe, nesse livro, sempre estava zangada, chateada, triste e preocupada com as atitudes da filha, pois seu ideal de comportamento deveria ser idêntico ao da prima: “O exemplo da família, obediente, comportada, nas horas certas, é calada e também estudiosa. Carinhosa com o irmão, modelo de perfeição”, dizia a mãe. Reforçando as características da mãe, é enfatizado: “A mãe de Ana vivia reclamando: ‘Por que você não é como sua prima? Ela não amassa a roupa. Não desmancha os cabelos em corridas, (...) não sobe em árvores, não briga, não teima, estuda direito e obedece aos mais velhos’”. Apesar da personalidade forte da mãe em querer tudo perfeito, no livro mostra-se, por meio da ilustração, que a figura materna é bem vestida, com traços marcantes de feminilidade, tanto no cabelo escovado, olhos delineados, lábios de batom, adereços como brincos e sapatos delicados; no entanto, com luvas nas mãos e segurando um vaso de flor, parecia estar cuidando da jardinagem.

No quinto livro analisado, *A bruxa Salomé*, de Audrey Wood, a história apresenta uma mulher (mãe) com os sete filhos numa casa espaçosa e cheia de vida. As linhas e os contornos que o desenho apresentou foram importantes para a análise, de tal forma que a cor amarela provoca sensações e emoções positivas: a união da família, a cooperação e a ajuda mútua de cada um dos membros da família apresentados ao longo da história.



Figura nº:8: WOOD, Audrey. Ed. Atica, 2001. Pág. 3.

Nessa história, Wood (1999) representou a mulher como uma mãe protetora e preocupada com os cuidados dos filhos e do lar, ora na limpeza do lar, no cuidado dos filhos, nos mimos que sempre transmite aos filhos e com um olhar tranquilo, passa ao leitor uma sensação de mansidão e bondade, faz agrados aos filhos e compra-lhes coisas do mercado, como forma de gratidão à obediência deles.

Em outro livro, *Quem me dera*, de Ana Maria Machado, e nas ilustrações de Mariângela Haddad, conhecemos a história de uma menina chamada Vera, uma garotinha moreninha, com os cabelos encaracolados, sorriso simpático e um olhar animado. Vera morava com os pais numa casa pequena no alto de uma colina e, desde cedo, o trabalho era movimentado: seus pais “faziam um monte de coisas, correndo sem parar. iam cedo para o trabalho, tinha pouco tempo e Vera queria brincar”.

Num diálogo: “– Mãe, vem brincar comigo...”, a mãe respondia: “Ai, Vera, quem me dera... mas você não está vendo que eu estou ocupada? Ainda tenho que botar esta roupa de molho e ver umas coisas no fogão... Ah, minha querida, hoje não vai dar não.”

O pai nessa história também é apresentado como aquele que brinca com a filha apenas aos domingos, diz a ela que: “não dá pra ficar a toa”, “prometi à sua mãe que ainda consertava isto aqui antes de ir para a oficina”. Logo, o pai sequer olha para a filha ao conversar, pois está focado na arrumação do cano da pia.



Figura nº.9: MACHADO, Ana Maria. Ed. Ática, 2000. Pág. 4.

O penúltimo livro analisado apresenta a história de uma família de marrecos. Conta a história que a marreca Maria era cheia de manias: de limpeza, vivia esfregando a casa, esfregando os móveis, esfregando a cara das crianças. Além disso, ela tinha mania de grandeza e perfeição: tudo tinha de ser grande, a casa era a maior da vizinhança, seus móveis eram os mais coloridos e seus filhos mais inteligentes. Os objetos da casa de Dona Maria eram sempre “arrumadinhos”, as roupas “superpassadinhas” os filhos “eram

vestidos como príncipes e princesas”. A mania mais apreciada pela marreca era de fazer bolos.

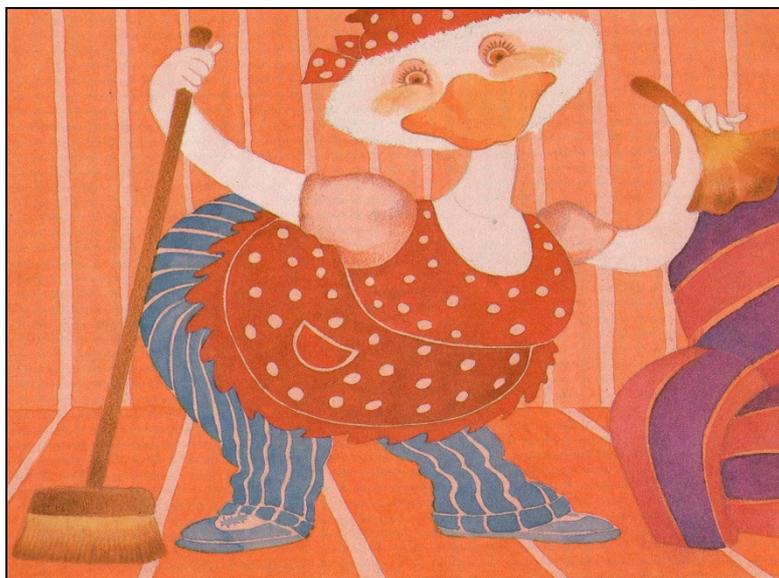


Figura nº.10: PERLMANN, Alina. Joses, Marias e manias. Ed. Scipione, 1994. Pág. 5.

Nas figuras do livro, há destaque nas cores vivas e no contorno das sobremesas preparadas por ela, denotando a apresentação de uma figura de linguagem conhecida como sinestesia, isto é, ver determinado alimento e, ao mesmo tempo, sentir seu gosto; o desenho faz parecer saborosos os doces preparados pela marreca.

Dona Maria é apresentada sempre com um avental, vassoura numa mão e espanador em outra; na cabeça, um turbante. Se Dona Maria tinha a mania de limpeza, seu marido José não estava nem aí, era desligado e entrava na casa com os pés sujos, “quase matava a mulher do coração”. Num diálogo, apresenta a marreca com uma expressão de espanto e desgosto ao ver o marido entrar na casa com os pés sujos e disse: “Zé, pelo amor de Deus! Eu acabei de varrer o chão!” (PERLMANN, A, 1994, p.7), “Zé! Terminei de encerrar o banheiro agorinha mesmo!”.



Figura nº.11: PERLMANN, Alina. *Joses, Marias e manias*. Ed. Scipione, 1994. Pág. 7.

Por fim, o último livro analisado é *Quando mamãe virou um monstro*, de Joanna Harrison, o qual apresenta uma família composta por uma mãe e os dois filhos. A história mostra, desde o início da trama, a figura materna participando de atividades domésticas em seu cotidiano, tais como: colocando o avental (HARRISON, 1996, p.5); “limpando a casa”; “lavou a louça”; “lustrar os móveis” (HARRISON, 1996, p.6); “aspirar os pelos do gato” e “lavar o banheiro” (HARRISON, 1996, p.7).



Figura nº.12: HARRISON, Joanna. *Quando mamãe virou um monstro*. Ed. Brinque Book, 1996. Pág. 6.

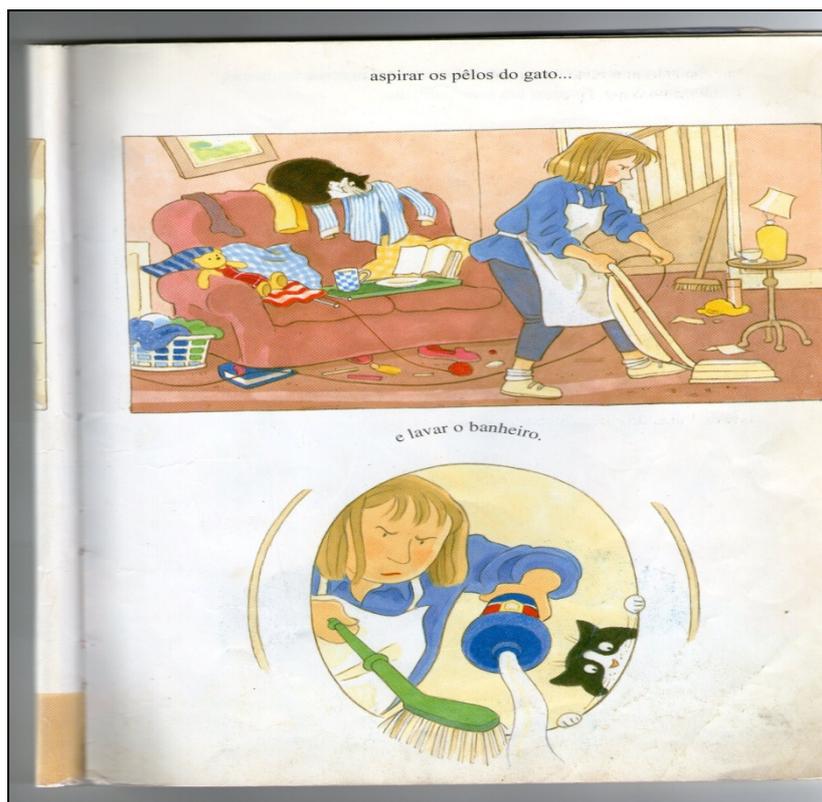


Figura nº.13: HARRISON, Joanna. Quando mamãe virou um monstro, Ed. Brinque Book, 1996. Pág. 7.

Após o recebimento de uma ligação, a mãe orienta os filhos: “Arrumem seus cabelos e penteiem suas camas, e tudo bem direitinho” (HARRISON, 1996,p.5), pois iriam **receber**. No entanto, empolgaram tanto na brincadeira que a “mamãe não achou muita graça.” (HARRISON,1996, p.8).

A ida ao supermercado irritou ainda mais a progenitora, as crianças constantemente chamavam a atenção por causa da briga entre os filhos. Logo, a mãe apresentava alguns sintomas de transformação para um monstro e deu um berro: “ - Vocês dois querem PARAR de brigar!” (HARRISON, 1996, p.10).

O grito não acalmou as crianças que, novamente, voltaram ao questionamento, às discussões e aos pedidos de compra da batata frita, além das corridas com o carrinho entre os corredores do mercado, quando, de repente, as crianças são surpreendidas por um homem que lhes dá bronca e pergunta: “- Onde está sua mãe?” (HARRISON,1996, p.13). Mamãe já estava nervosa e quando os encontrou estava com o cabelo desarrumado, orelhas e mãos de monstro (cor verde e peluda, com unhas grandes e pontiagudas), e respondeu-lhe: “ - AQUI! – Rosnou”. (HARRISON, 1996, p.14).



Figura nº.14: HARRISON, Joanna. Quando mamãe virou um monstro. Ed. Brinquê Book, 1996, Pág. 14.

Depois da compra no mercado, a mãe fez a organização do material para a preparação do lanche para a visita. As crianças se empolgaram com a bagunça e se esconderam quando a mãe foi procurá-los, ela estava muito zangada e eles disseram: “ - Ela ficou completamente maluca!” (p.22)

A mãe cansada atirou-se na poltrona e, exausta, desabafou:

“ - Eu costumava ser boazinha, mas tantas confusões, brigas, reclamações e gritos me transformaram num monstro.”

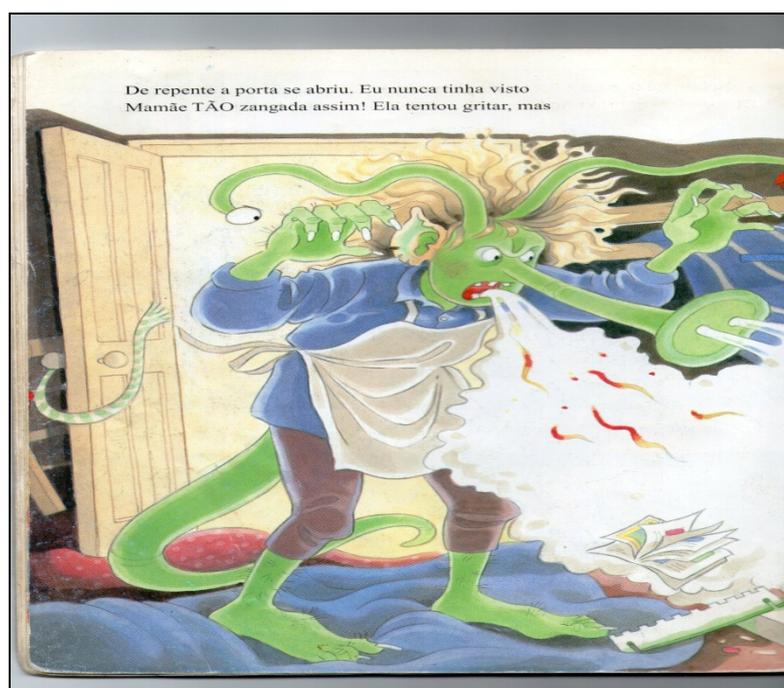


Figura nº.15: HARRISON, Joanna. Quando mamãe virou um monstro. Ed. Brinquê Book, 1996, Pág. 22.

Ao verem a mãe chateada, resolveram organizar e guardar os brinquedos, arrumar as camas, prepararam o lanche e pediram desculpas pela desobediência, e abraçaram-se entre eles - mãe e filhos. No último capítulo, a visita tão aguardada chegou, fazendo confusão, e a mãe dessa garotada começou a transformar-se num monstro, como dito nas últimas linhas do texto: “Nem repararam que estava nascendo (...) uma longa cauda verde” (HARRISON, 1996, p.30)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa, pode-se afirmar que os livros retrataram a mulher exercendo, principalmente, o papel da figura materna realizando tarefas domésticas. Logo, a mãe, como foco deste estudo, sempre foi vista como a dona do lar, cujo cuidado relaciona-se às prendas domésticas e à educação dos filhos. Nos livros utilizados, esteve trabalhando na cozinha, ora com um espanador de pó, ou com uma vassoura e sempre organizando e arrumando, e por isso vivem mau humoradas e bravas.

Apesar de essas características serem marcantes, é mostrado também que elas são mulheres preocupadas com o erotismo, isto é, há uma preocupação com a feminilidade, por meio do uso de vestido, avental, sapatos de “bico” fino, bolsas, brincos (acessórios), maquiagem e esmaltes. Logo, o livro *O monstro* apresentou a figura materna como um estereótipo de mãe ocidental: olhos claros, cabelos louros e cor clara.

Góes (1991) ressaltou que é por meio da literatura que as crianças adquirem o hábito pela leitura a partir de uma reflexão, dos vocabulários desconhecidos e na amplitude de conceitos fundamentados nos valores morais. Para tanto, a literatura deve proporcionar às crianças o entretenimento, a instrução, a educação, além de envolvê-las numa arte que produza um despertar pelo prazer de ler e ouvir histórias.

Além disso, as histórias não devem transmitir o ideal de preconceito ou discriminação a qualquer tipo de estereótipo. Goes (1991) destacou que a personagem loura de olhos azuis sempre transmite ao leitor um “ar” de bem e de bondade (GOES, 1991, p.24). O autor sugere reflexões, também, acerca da imagem defasada da mulher, quanto à sua posição e aos seus direitos: sempre caseira, doméstica, em situação subalterna, como se as mulheres fossem incapazes para a liderança e posições de destaque e autoridade. (GOES, 1991, p.24).

Por isso, é necessário que o educador-pedagogo atue de maneira que possa atender com cuidado as exigências estéticas do livro infantil, transmitindo às crianças um conteúdo que as desperte para os valores sociais, para a igualdade entre as raças e etnias, e a liberdade de expressão. Cabe ao pedagogo a educação solidária, buscando a sensibilidade a partir de ilustrações. Portanto, consideremos importante “cumprir o ciclo completo de seu destino, quando cada leitor o torna o seu, o assimila, o objetiva e vive as sugestões que ele (*o livro*) provoca” (GOES, 1991,p.29).

7. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **Jeito de mãe**. São Paulo: Paulinas, 1992 (Coleção Sabor Amizade).
- ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- BASSANEZI, Carla. "Mulheres dos Anos Dourados". In: DEL PRIORE, Mary (org.), **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo, Editora Unesp, 2007.
- BRASIL. **CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988. Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, v. 134, n. 248.
- COELHO, Mariana. **A evolução do feminismo. Subsídios para a sua história**, Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. 2. ed. 392 p
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/ Juvenil**. Ática. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise e didática**. São Paulo. 2000.
- COLE, Babette. **Minha mãe é um problema**. São Paulo: Companhia das Letrinhas. 1992.
- COSTA, Marta Moraes da. **Literatura Infantil**- Curitiba: IESDE, 2003. 100 pgs.
- DUARTE, Constança Lima. **“Feminismo e literatura no Brasil”**. Estudos Avançados. vol.17. n.49 São Paulo- Setembro-Dezembro. 2003
- GALDINO, Luiz. **O planeta perfeito**. São Paulo: Moderna, 1987 (Coleção Girassol).
- GOES, Lúcia Pimentel. **Introdução a Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Thomson Pioneira, 1991.
- HAHNER, Edith June, **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas – 1850-1937**. Editora Brasiliense, 1981
- HARRISON, Joanna. **Quando mamãe virou um monstro**. Ed. Brinque Book, 1996
- KRIEGER, Maria de Lourdes. Editora Moderna. Coleção Girassol. 2º edição. 2002
- NEWBERY, Elizabeth. **Por dentro da arte- os segredos da arte**. São Paulo: Ática, 2001.
- PERLMAN, Alina. **Josés, Marias e manias**. 4ª. Ed. São Paulo: Scipione, 1994.
- PEASE, Allan e PEASE Barbara. **Porque os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?: uma visão científica (e bem humorada) de nossas diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

PRAVAZ, Susana. **Tres estilos de mulher: a doméstica, a sensual, a combativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Coleção O mundo hoje; volume 39

REVISTA QUERIDA, Nov/1954. In: DUARTE, Constança Lima. **“Feminismo e literatura no Brasil”**. Estudos Avançados. vol.17. n.49 São Paulo- Setembro-Dezembro. 2003

REVISTA JORNAL DAS MOÇAS, Out e Nov/1958. In: DUARTE, Constança Lima. **“Feminismo e literatura no Brasil”**. Estudos Avançados. vol.17. n.49 São Paulo- Setembro-Dezembro. 2003

RIOS, Rosana. **O monstro**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

ROSEMBERG, Fúlvia. **A mulher na literatura infanto-juvenil: revisão e perspectivas**. Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas. Julho, 1975

WOOD, Audrey. **A bruxa Salomé**. 7ª. Ed. São Paulo: Ática, 1999.